MEMÓRIA

DUAS INVASÕES E MILHARES DE MONGES MORTOS

Josué Benitz

Da equipe do **Correio**

Em 1950 o território tibetano foi invadido pela primeira vez pelas tropas do Exército de Libertação Popular (ELP) da China. O simbólico Exército do Tibete foi dizimado e mais da metade do país colocado sob o governo central chinês, sediado em Pequim.

No dia 17 de março de 1959, após sete dias de cerco, 17 posições da artilharia chinesa apontaram sobre Lhasa, a capital tibetana. Após três dias de bombardeio, o Dalai Lama decide fugir disfarçado como soldado. Destino, a Índia de Nehru.

O Dalai Lama, Tenzin Gyatsa (Oceano de Sabedoria) cruzou a fronteira em 31 de março. Logo depois instalou um governo no exílio (que dura até hoje) em Dharamsala, no Nepal.

De lá para cá, as denúncias de violações dos direitos humanos têm sido uma constante. Hoje os tibetanos formam um povo com 100 mil refugiados. De acordo com dados da Anistia Internacional, pelo menos 1,2 milhão de pessoas foram mortas em consequência da invasão chinesa. A organização sediada em Londres também afirma que um tibetano em cada seis morreu de fome, ou exercendo tarefas de trabalho escravo, torturado ou na prisão.

Logo depois da invasão também foram destruídos 5 mil mosteiros perdendo-se tesouros culturais datados do século 7. Nos anos 80 só restavam 13 desses tesouros. Aproximadamente 15 mil monges viviam em cada mosteiro. Depois da morte de Mao Tsé-tung, em 1976, a Revolução Cultural também destruiu vários símbolos da cultura tibetana.

É muito difícil esconder a situação de violação dos direitos humanos praticada no Tibete do cenário internacional. Também é complicado e difícil esconder o carisma e o trabalho paciente do Dalai Lama. Atualmente, a política do Lama é de aproximação com o governo chinês.

Ele já abre mão da independência econômica e até territorial, mas quer total liberdade cultural e religiosa. E não negocia, sob qualquer hipótese, a identidade do povo tibetano. Somente o diálogo decidirá o futuro tibetano.